

EDIVANA GOMES SEVERINO

BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

Maringá

2010

EDIVANA GOMES SEVERINO RA 48223

BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Maringá

2010

EDIVANA GOMES SEVERINO

BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra Solange Franci Raimundo Yaegashi
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a Ms Janira Siqueira Camargo
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a Ms Celma Regina Borghi Rodrighero
(Universidade Estadual de Maringá)

DEDICATÓRIA

Ao esposo Alex e aos meus pais Cícero e Jandira.

AGRADECIMENTOS

Concluído este trabalho existe todo um conjunto de pessoas, que de forma mais direta ou indireta, permitiram a concretização desta etapa, expresso meus agradecimentos a todos, nomeadamente em especial:

Ao esposo Alex, que sempre esteve presente comigo, em todos os momentos, “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”.

Aos meus pais Cícero e Jandira, por sempre acreditarem e orgulhar-se por cada conquista minha;

Aos meus irmãos Edmar e Edinei, por sempre vibrarem as minhas vitórias;

À minha sogra Eva, exemplo de mulher lutadora. Agradeço tua confiança em mim, teu carinho e todo o teu cuidado sempre;

À minha cunhada Adriana que esteve presente em todos os momentos em que precisei;

Aos amigos que acreditaram e torceram por mim;

Às minhas tias, Laura e Margarida, que em todos os instantes sempre disseram “essa minha sobrinha é o orgulho da família”;

Às minhas amigas de aula: Carolina, Juliana e Gizeli, que tiveram um papel importante nesta caminhada, que tornaram o espaço acadêmico em momentos de divertimento, acolhimento e ajuda, por todos os momentos bons, o meu muito obrigado;

Aos professores que contribuíram para minha formação, especialmente à professora Solange, que tão bem me orientou na construção desse trabalho.

A você, amigo leitor, por ser uma pessoa única e tão especial!

BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

Edivana Gomes Severino¹

Solange Franci Raimundo Yaegashi²

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo investigar como os autores teorizam a influência do *bullying* no interior das escolas de ensino fundamental e médio e sua possível ascendência na formação da identidade pessoal dos alunos. Verificou-se que colocar apelidos pejorativos, bater, caluniar, fazer fofoca, excluir do grupo, amedrontar, fazer chantagem são comportamentos muito mais severos do que parecem e, na maioria das vezes, revelam atitudes de *bullying*. Chegou-se à conclusão de que tais atitudes trazem consequências maléficas ao psiquismo do indivíduo que é submetido ao *bullying*, uma vez que podem acarretar problemas como depressão, isolamento social, baixo desempenho escolar, baixa autoestima, dentre outros.

Palavras chave: *bullying*; contexto escolar; sofrimento psíquico.

Abstract

Bullying and its consequences on the victims of this phenomenon are investigated. A bibliographical research was undertaken which focused on the characteristics of bullying in the school context. It has been verified that calling degrading names, slapping, calumniating, backbiting, group exclusion, fear, menacing and blackmailing are more serious types of behavior than they seem to be. They frequently reveal bullying attitudes. Research shows that these attitudes bring bad consequences on the individual's bullying-submitted psyche since they trigger such problems as depression, social isolation, low school performance, low self-esteem and others.

Key words: bullying; school environment; psychic suffering.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia.

² Psicóloga e Prof^a Dr^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e dos Mestrados em Engenharia Química e Zootecnia, Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

Introdução

Atualmente, a problemática da violência entre jovens estudantes é assunto recorrente na sociedade, seja entre pais, entre professores ou nos meios de comunicação. Assim, ganham cada vez mais destaque as discussões sobre o *bullying* (FANTE, 2005 apud OLIVEIRA; ANTONIO, 2006; MASCARENHAS, 2006; RIBOLLA; FIAMENGHI JUNIOR, 2007).

De acordo com Ruotti *et al* (2006, p.177), o fenômeno *bullying* passou a ser estudado a partir da década de 1980 por diversos países. Um dos primeiros a abordar tal aspecto foi Heineman, utilizando o termo *mobbing*, designando-se à violência de um grupo contra outro indivíduo diferente. Olweus também utilizou o mesmo termo, porém, estendeu o conceito, definindo-o como “ataques sistemáticos, pessoa a pessoa, de uma criança mais forte contra uma criança mais fraca”.

Segundo Nogueira (2005), o *bullying* tem várias denominações pelo mundo, e no Brasil não há uma concisa para esse termo. Contudo, conforme Monteiro (2003, apud NOGUEIRA 2005, p.96), o *bullying* pode ser definido como “maus-tratos, opressão e humilhação que acontecem entre jovens e crianças”. Essa definição também é compartilhada por Martins (2005a), Seixas (2005), Antunes de Zuim (2008).

Silva (2010, p.21) ressalta que *bullying* é um termo de pouco conhecimento da sociedade, tem origem inglesa e, no Brasil, não possui tradução. Essa denominação é utilizada para caracterizar atitudes violentas no âmbito escolar, tanto em relação aos meninos quanto às meninas. Dentre essas atitudes, destacam-se “as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por partes dos agressores”.

Silva (2010, p.21) esclarece que no dicionário se tem a seguinte tradução da palavra *bully*:

[...] indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

A autora enfatiza, ainda, que os agressores não possuem motivos justificáveis ou específicos. Assim, os considerados mais fortes se divertem com os mais fracos, com objetivos de atormentar, assustar e humilhar suas vítimas.

De acordo com Nogueira (2005), as diversas formas de violência urbana vêm ganhando valor e dramaticidade na sociedade brasileira a partir década de 1980. Esse tema é marcado por diversos aspectos ocorridos na sociedade. Em função disso, a autora salienta a importância de se abordar a violência, pois ela está cada vez mais presente no contexto escolar.

Nessa perspectiva, Silva (2010, p.161) esclarece que o *bullying* sempre esteve presente nas escolas, contudo, só “passou a ser estudado há pouco mais de trinta anos sob parâmetros psicossociais e científicos, e recebeu a denominação específica pela qual é conhecida atualmente em todo o mundo”.

No Brasil houve dificuldade para se identificar e enfrentar tal problema. Portanto, esse assunto começou a ser tratado junto à sociedade a partir de 2000, quando Cléo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e bastante abrangente sobre o assunto. Esse trabalho resultou no programa de combate ao *bullying* denominado Educar para a Paz, colocado em prática no interior paulista naquele mesmo ano (SILVA, 2010).

As escolas estão em fase incipiente para lidar com o *bullying*, pois não têm competência para “identificar e enfrentar a violência entre seus alunos e o corpo acadêmico. Essa situação se deve a muito desconhecimento, omissão, muito comodismo e uma dose considerável de negação da existência do fenômeno” (FANTE e PEDRA, 2008, apud SILVA, 2010, p.162).

Nesse sentido, Lima (2004) e Bittencourt *et al* (2009, p.237) enfatizam que a violência no âmbito escolar tem impactos catastróficos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, uma vez que pode causar comprometimentos, principalmente em “[...] habilidades cognitivas, respostas emocionais e neuro-endócrinas, além de interferir nas atividades cotidianas, desempenho escolar, motivação para o lazer e, muitas vezes obrigando-os a adaptações bruscas e repentinas”.

Santos e Grossi (2008, p.287) afirmam que existem diversas formas de violência: “a física, a doméstica, a psicológica, a sexual, o bullying, entre outras [...]”, as quais raramente são cometidas por pessoas estranhas àquela que foi agredida. As violências direcionadas à infância são as “brigas, ofensas, intimidações, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas e repressão”. Tais ações de mau gosto podem provocar danos psíquicos como, “suicídio, baixa auto-estima e novas fontes de violência”.

As brigas, inimizades e desavenças são situações corriqueiras nas escolas, no entanto, a alta frequência dessas atitudes pode gerar vítimas que levarão consigo consequências emocionais em sua vida escolar.

Compreende-se a violência como um fenômeno com sérias conseqüências individuais e sociais particularmente para os jovens, que aparecem nas estatísticas como os que mais estão envolvidos com a problemática (SANTOS; GROSSI, 2008, p.292).

A violência juvenil é a que mais se destaca na sociedade, conforme citam Debarbieux e Blaya (2002, apud SANTOS; GROSSI, 2008), por ser praticada por indivíduos entre dez e 21 anos. A agressividade observada em grupos antes da puberdade faz com que estes “tend[am] a adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta” (SANTOS; GROSSI, 2008, p.291).

Segundo Neto e Saavedra (2004, apud SANTOS; GROSSI, 2008, p.293), a violência nas escolas se denomina como um problema social sério e complexo e, possivelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil. Assim, os autores definem a violência escolar da seguinte forma:

O termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários.

Santos e Grossi (2008, p.293) salientam que as atitudes agressivas, que provocam “preocupação e temor, resulta[m] da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade”. Para as autoras, é na escola que a criança entra em contato com o mundo exterior, vivenciando novos espaços, que podem ser seguros ou inseguros, modulados ou pela disciplina, amizade e cooperação ou pela violência, sofrimento e medo.

A sala de aula é um ambiente onde ocorrem intimidades entre os grupos, por isso, aquela é considerada propensa ao reconhecimento das diversidades. O *bullying* pode ser confundido, no cotidiano, com brincadeiras, o que dificulta à escola e à família intervirem na relação entre os envolvidos, por isso, torna-se difícil a identificação do fenômeno (SANTOS; GROSSI, 2008).

Portanto, brincadeira desse tipo caracteriza-se por atos de agressividade que proporcionam a derrubada da autoestima, facilitando o aparecimento de características frágeis e vulneráveis nas vítimas.

Justamente por sua relevância no contexto escolar, o presente estudo teve como objetivo geral investigar como os autores teorizam a influência do *bullying* no interior das escolas de ensino fundamental e médio e sua possível ascendência na formação da identidade pessoal dos alunos. Como objetivo específico, pretende-se repensar as formas de intervenção docente que contribuam para evitar essa prática no âmbito escolar e, assim, minimizar os prejuízos para a formação da identidade pessoal.

Dessa forma, a problemática deste estudo pode ser colocada da seguinte forma: Quais as consequências do *bullying* para o desenvolvimento afetivo-social de crianças e adolescentes? Em outros termos, de que forma o esse fenômeno afeta o formação da identidade pessoal desses alunos?

A realização do estudo justifica-se pela necessidade de se aprofundar a compreensão a respeito do *bullying* e do desconforto sentido pelos agressores e vítimas. Conforme Smith e Morita (1999, apud MARTINS 2005a), as agressões são vistas como subcategoria do comportamento agressivo, de forma prejudicial, pois são direcionadas várias vezes a um

indivíduo frágil, aquele que sempre fica em desvantagem, pois geralmente se encontra sozinho, é novo na turma e ainda tem pouca autoconfiança.

O artigo foi subdividido em quatro partes que enfocam: os conceitos de *bullying*; o *bullying* no contexto escolar; o sofrimento psíquico advindo do mesmo; e, por fim, o papel da família.

1 O *bullying* e suas definições

Pereira (2002) destaca que a definição de *bullying* é importante para que não se confunda com brincadeiras que são praticadas, principalmente, no período de sete a 14 anos, nas quais não se tem intenção de magoar ou causar danos.

Silva (2010), Fante e Pedra (2008) e Pereira (2002) são unânimes ao afirmarem que o *bullying* pode ser identificado pela intencionalidade de magoar alguém, que é vítima e alvo do ato agressivo, enquanto os agressores manifestam tendência a desencadear, iniciar, agravar e a perpetuar situações em que as vítimas estão em posição indefesa.

De acordo com Ruotti *et al* (2006), a partir da pesquisa realizada por Olweus foi possível traçar um perfil das vítimas e dos praticantes do *bullying*. As primeiras quase sempre são pessoas consideradas passivas e submissas, enquanto os segundos são provocativos. Assim, as vítimas são mais ansiosas e inseguras do que a maioria dos alunos. Além disso, tendem a ser mais cautelosas, sensíveis e serenas, enquanto que os praticantes são provocativos, pois apresentam ansiedade e reações agressivas, sentindo prazer de intimidar crianças mais fracas que eles.

Outro aspecto que as autoras destacam, na pesquisa de Olweus, são indivíduos que possuem papel secundário, pois também são passivos, isto é, não estão ligados diretamente com as agressões, mas, na primeira oportunidade, assumem o comportamento agressivo ou desempenham ordens do agressor principal.

As autoras abordam, ainda, os indivíduos que presenciam e assistem às agressões sem se manifestar contra os agressores. Assim, apoiam estes, de forma dissimulada.

Olweus (1993 apud PEREIRA, 2002, p.16) ressalta que o conceito de *bullying* está relacionado com a agressão individual e em grupo. Assim, é difícil encontrar um termo equivalente na língua portuguesa para designar os atributos de personalidade dos indivíduos que se dedicam a atos agressivos que culminam com a prática do *bullying*. Nesse sentido, os termos da língua portuguesa que estão mais próximos do conceito desse fenômeno são: “agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assédio sexual ou abuso e, entre as crianças, o ‘fazer mal’, ‘meter-se com’, ‘chatear’, ‘pegar no meu pé’”. Portanto, o termo *bullying* foi adaptado e associado ao termo agressividade, devido à falta de tradução fiel, cujo sentido seja a agressão definida entre iguais.

Santos e Grossi (2008) afirmam que *bullying* é um fenômeno que acontece em nível mundial, por meio de jogos de computador, filmes, páginas de jornal e noticiários de televisão.

2 O *bullying* no contexto escolar

O *bullying* se encontra de várias formas no contexto escolar, algumas vezes mais cruel do que outras, dependendo de muitos fatores. De acordo com Pereira (2002, p.15), a “agressividade na escola tem visado o mau trato pessoal, a intimidação psicológica e o isolamento social entre pares, crianças ou jovens”. Tais atitudes ocorrem quando uma ou mais crianças agredem o outro injustamente e o submetem, em períodos extensos, a uma ou diversas formas de agressão: “a agressão corporal, o extorquir dinheiro ou a ameaça”. Essas atitudes são impostas a crianças frágeis, que são inseguras, que se intimidam facilmente ou, ainda, que não buscam se defender ou pedir ajuda.

Ruotti *et al* (2006) salientam que as agressões por meio desse fenômeno ocorrem, principalmente, no âmbito escolar, embora, possam acontecer no trajeto da escola. Pereira (2002) afirma que os alunos que são intimidados durante o recreio, buscam lugares tranquilos e isso facilita os atos dos agressores, pois as vítimas não terão ninguém para socorrê-las.

3 O sofrimento psíquico advindo do *bullying*

O *bullying* tem sido reconhecido como um problema que tende a tomar dimensões crescentes em vários países da Europa, da América do Norte e da Ásia. Essa prática deixa marcas negativas para as vítimas que sofrem essa agressão no seu dia a dia, pois são atingidas no seu rendimento escolar, podendo desenvolver, na vida adulta, a depressão. Assim, essa ação contra o outro traz consequências imediatas e a longo prazo, tanto para o agressor quanto para a vítima (PEREIRA, 2002).

Bolton e Smith (1994, apud PEREIRA, 2002) salientam que as crianças vítimas do *bullying* nas escolas primárias têm tendência a uma fraca autoestima, manifestada em várias formas.

Outra pesquisa citada por Pereira (2002, p.21) é a de Sharp e Thompson (1992), que afirmam que, de 723 alunos das escolas secundárias, das quais 40% eram vítimas de *bullying*, foi constatado que alguns buscavam desenvolver ações para responder e parar os comportamentos agressivos. Assim, 20% dos estudantes “se tornavam mais negligentes ao tentarem escapar de serem vítimas, 22% após a agressão ficaram doentes e indispostos e 20% sentiram dificuldade de adormecer”.

Conforme Haselager e Lieshout (1992, apud PEREIRA, 2002), as vítimas apresentam muita dificuldade para lidar com os agressores no dia a dia.

As agressões advindas do *bullying* podem ocorrer de várias formas, seja direta ou indiretamente. Raramente, as ações ocorrem com um tipo de agressividade, elas acontecem em conjunto, concomitantemente. Assim, esses inconstantes comportamentos maldosos colaboram para a exclusão social da vítima, bem como para a evasão escolar. Os diversos formatos de *bullying*, segundo Silva (2010, p.23-24), são os seguintes:

Verbal: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, zoar. **Físico e material:** bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas. **Psicológico e moral:** irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar,

dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas). **Sexual:** abusar, violentar, assediar, insinuar.

Silva (2010) enaltece as consequências psíquicas e comportamentais do *bullying*. As agressões desse fenômeno tornam piores os problemas preexistentes, como também, podem surgir novos transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, geralmente, acarretam danos irreversíveis.

Dessa forma, Silva (2010, p.25) relata os problemas com os quais se depara no seu consultório. Os pacientes apresentam vários sintomas físicos, como:

[...] cefaléia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjôo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de 'nó' na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos.

Além desses sintomas físicos, o transtorno do pânico é um dos problemas mais comuns do sofrimento humano. Tal problema é caracterizado pelo medo exacerbado e sem fundamento real, o qual aparece do nada. O indivíduo apresenta uma sensação grande de medo e ansiedade, juntamente a vários sintomas físicos, isto é, taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores, etc (SILVA, 2010).

Outro aspecto destacado pela autora é a fobia escolar, ou seja, o medo intenso de frequentar a escola, o que acarreta reprovações devido às faltas, dificuldades de aprendizagem e/ou evasão escolar.

Silva (2010) enfatiza, ainda, a fobia social, também designada por timidez patológica. Essa fobia caracteriza-se pelo fato de o indivíduo sentir ansiedade exagerada e constante, com temor acentuado de ser o destaque nas atenções, bem como, estar sendo julgado e avaliado negativamente. Portanto, o indivíduo que sofre de tal transtorno evita ambientes sociais, e isso o prejudica no decorrer da vida, seja na carreira estudantil, profissional, social e afetiva.

Outra perturbação em destaque é o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Os indivíduos acometidos por esse transtorno apresentam uma impressão de medo e insegurança diante das diversas circunstâncias em sua volta. Geralmente não têm paciência, estão sempre apressados, são negativistas e vivem achando que algo de ruim vai lhes acontecer. Além disso, “sofrem de insônia, irritabilidade e, sem tratamento adequado, os sintomas podem se exacerbar e provocar outros transtornos muito mais graves” (SILVA, 2010, p.28).

A depressão é também um sintoma citado pela autora, a qual enfatiza que esse é um dos principais causadores de suicídio entre os adolescentes. Nessa fase, acontecem grandes oscilações de humor e modificações importantes em seus hábitos e costumes. Por isso, é necessário que pais e professores observem atentamente quando jovens nessa faixa etária passam a expressar baixa autoestima, irritabilidade, afastamento, desempenho escolar em decadência, dificuldades em suas relações sociais e familiares, pois tais comportamentos podem estar ocorrendo em consequência às práticas de *bullying*.

A anorexia, pânico descabido de engordar, e a bulimia, ingestão compulsiva e exagerada de alimentos, fazem parte dos transtornos presentes entre os adolescentes. Isso ocorre principalmente no início da adolescência, quando acontecem mudanças fisiológicas próprias da fase, provocando alterações no corpo, como ganho de peso. Portanto, muitos adolescentes lidam com pressões exageradas no âmbito familiar e no escolar, chegando, inclusive, a receberem críticas constantes pelo seu novo visual (SILVA, 2010).

Silva (2010, p.30) destaca, ainda, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), conhecido, também, como manias, e “[...] caracterizado por pensamentos ruins, intrusivos e recorrentes (obsessões), causando muita ansiedade e sofrimento”. Assim, para se livrar de tais pensamentos, o indivíduo passa a ter atitudes repetitivas de forma sistemática e ritualizada. Dessa forma, tais manias proporcionam prejuízos na vida da pessoa, pois ela passa muito tempo no seu cotidiano cumprindo seus rituais, o que a torna esquisita diante dos outros, ocasionando-lhe constrangimentos.

Pessoas que sofreram *bullying* ou presenciaram cenas de violência e abusos sexuais podem apresentar, também, o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), o qual é relatado pela autora como um problema que se manifesta por meio de sintomas físicos e psicológicos que

aparecem algumas semanas ou alguns meses mais tarde depois de ter ocorrido o episódio traumático.

Silva (2010) afirma que os quadros menos frequentes são os de Esquizofrenia, que se caracterizam pelo fato de o indivíduo passar a viver em um mundo imaginário (com delírios e alucinações). Muitas vezes o homicídio e o suicídio podem ser realizados por esses indivíduos quando estes não conseguem mais suportar a repressão dos seus executores e, devido ao desespero, lançam mão de atitudes extremas com intuito de amenizar seus sofrimentos.

É importante salientar que tais problemas citados por Silva (2010, p.32) podem ter características genéticas. Porém, a “[...] vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, pode deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos”.

Assim, é importante ressaltar que essas vítimas passam por momentos de pouca “aceitação, rejeição ativa, são menos escolhidas como melhores amigos e apresentam fracas competências sociais tais como: cooperação, partilha e ser capaz de ajudar os outros” (PEREIRA, 2002, p.21).

Ainda sobre essa questão, Pereira (2002) relata os efeitos do *bullying*, ao longo da vida, para as vítimas. Em um estudo empírico, revela as consequências a um período maior de vitimação frequente, composto por 71 rapazes, de 13 a 16 anos, acompanhados até 23 anos. Desta forma, a autora destaca os seguintes resultados: quando a vítima é inserida em outros grupos diferentes da escola ou do grupo em que era vitimizada, ela deixa de ser vítima.

Outro aspecto salientado pela autora é que as vítimas normalizam, quando adultas, diversas dimensões (ansiedade, introversão, não-assertividade e nível de *stress*). Portanto, quando se é vítima criança/jovem, não que dizer que o continuará sendo quando adulto.

Olweus (1993, apud PEREIRA, 2002, p.22) destaca que ser vítima é um problema que diminui com a idade, ou seja, dependendo da forma como o indivíduo elabora o sofrimento causado pelo *bullying*, na vida adulta ele poderá ter uma personalidade saudável. “Há, contudo, uma relação entre o ter sido vítima na escola e uma certa depressão na vida adulta”.

Pereira (2002, p.25) faz uma síntese dos resultados da pesquisa de Olweus sobre as consequências, em longo prazo, para as vítimas e agressores do fenômeno *bullying*. Assim, quanto às vítimas, o autor destaca que esses indivíduos podem vir a ter:

Vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo; perda de autoconfiança e confiança nos outros; falta de auto-estima e autoconceito negativo e depreciativo; vadiagem; falta de concentração; morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio); dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas.

Com relação ao agressor, Pereira (2002, p.25) relata que aquele pode vir a apresentar:

Vidas destruídas; crença na força para solução dos seus problemas, dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advêm, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social; incapacidade ou dificuldade de auto controle e comportamento anti-sociais.

Olweus (1993, apud PEREIRA, 2002) afirma que as vítimas não são afirmativas e não dominam algumas competências sociais e são distinguidas pela insegurança e receio. São ansiosas e incapazes de reagir por si próprias quando são agredidas. Os indivíduos pequenos que sofrem *bullying* têm dificuldade de interação e muitas vezes são excluídos socialmente.

Pereira (2002, p.26) enfatiza que os agressores, por sua vez, são diferentes, possuem autoconfiança, não têm medo. Eles apresentam tendências hostis, por causa da vida familiar de permissividade. “Em particular, os rapazes muito agressivos têm mães freqüentemente hostis e sem controle sobre os filhos. Tendem a ter má relação com os pais e, portanto, não têm uma adequada supervisão”.

Segundo Ruotti *et al* (2006), a alta frequência de casos de *bullying* sem intervenções proporciona sérias consequências, isto é, beneficia atitudes antissociais e de contrariedade ou quebra de regras que podem se estender para a vida adulta. Essas consequências ocorrem tanto para os agressores quanto para as vítimas.

Ruotti *et al* (2007) afirmam que, de acordo com pesquisas *longitudinais*, nos Estados Unidos, os agressores têm mais probabilidade de estarem envolvidos em agressões graves, se tornarem presidiários, bem como, ter envolvimento criminais na vida adulta. Esses indivíduos podem continuar essas agressões na vida conjugal, e isso gerar violência doméstica e entusiasmar novas gerações de crianças agressivas. Com relação às vítimas, estas passam a atitudes de hesitação, evitam alguns ambientes da escola, bem como elas próprias, passam a ter baixo desempenho escolar, perdem a autoestima e, em situações extremas, tentam evadir, suicidar-se ou matar o agressor.

Crianças vítimas do *bullying* têm problemas físicos e psicológicos, assim, quando se tornam adultas, passam a ter “baixa autoestima e experiência de depressão”. Constantemente “têm altos graus de sensação de medo, ansiedade, culpa, vergonha, desamparo, depressão ou problemas com álcool, comparadas a uma pessoa que não teve a mesma experiência na infância” (MA; STEWIN; MAH, 2001, apud RUOTTI *et al* 2006, p.185). Portanto, agressores e vítimas, além de carregar essas consequências pela vida, ainda repassam suas experiências negativas para as novas gerações.

Portanto, para Pereira (2002), o sofrimento da pessoa agredida pode ser físico, psicológico ou os dois. São comuns formas de agressão como bater, empurrar, tirar dinheiro, chantagear ou ameaçar, colocar nomes pejorativos, contar histórias amedrontadoras e excluir.

Ruotti *et al* (2006) salientam que Olweus, em sua pesquisa, destaca que diversas vítimas desse fenômeno carregam consigo frustrações para o âmbito familiar, ocasionando dificuldades de relacionamento, pois os pais nem sempre sabem que os filhos sofrem tal agressão.

Esse fenômeno do *bullying*, visto como uma brincadeira é, na verdade, a falta ou ruptura de leis da sociedade. Tal problema está ligado a uma sociedade em que acontecem ações de violências e opressão sem que nenhuma sanção seja delegada aos transgressores (RUOTTI *et al*, 2006).

Embora os enfoques das pesquisas sejam distintos, os diversos autores aqui citados afirmam que o *bullying* não é algo do desenvolvimento normal de uma criança, mas tal atitude, tanto para quem pratica como para quem é atingido, afeta o desempenho intelectual e a vida em comum das crianças, havendo, em alguns casos, consequências por toda a vida.

Nessa perspectiva, Constantini (2004), Fante (2005) e Koki (1999, apud RUOTTI et al, 2006, p.205), salientam que o *bullying* não é um período do “desenvolvimento da criança ou um rito da passagem, [mas], um problema social sério que pode afetar a habilidade dos alunos e seu progresso acadêmico e social”.

Portanto, tal fenômeno é algo para reflexão, pois é uma prática inadmissível nas relações interpessoais, uma vez que pode, ainda, favorecer quadros clínicos que necessitam de atenção médica e psicológica para que sejam vencidos (SILVA, 2010).

4 O papel da família

Bandura e Walters (1963, apud PEREIRA, 2002, p.10) enfatizam que a agressividade está relacionada com a aprendizagem e o modelo social. Portanto, estes “comportamentos serão aprendidos pela exposição a modelos agressivos (na família, na escola, no trabalho, nas mídias) e serão reproduzidos pelos indivíduos mais expostos”.

De acordo com Pereira (2002), a vinda das famílias para a cidade tem provocado modificações nas relações familiares e a família tem se tornado cada vez menor. As crianças deixaram de ter a proteção dos vizinhos, avós, tios e primos. Assim, os princípios e sabedorias repassados pelas gerações anteriores não têm mais seu valor, por causa das facilidades de adaptação dos jovens em dominar conhecimentos, especificamente em nível das tecnologias, que os seus pais não dominam. Portanto, a família de hoje se encontra de forma retraída, em prédios ou bairros populosos, em que o isolamento é grande e a solidariedade, mais rara.

Segundo Olweus (1993 apud PEREIRA, 2002), quando os pais têm temperamento instável, negativo, e o filho tem fraca identificação com eles, ou nos casos em que a superproteção é exagerada, pode haver influência no sentido de que os filhos se tornem vítimas de *bullying*.

Pereira (2002) cita que as confusões parentais e as desavenças na família são fatores que surgem quando analisado o padrão de comportamento das crianças que se envolvem no *bullying*.

Bowers, Smith e Binney (1994, apud PEREIRA, 2002) salientam que os indivíduos agressores ou as vítimas partilham das mesmas faltas, isto é, não têm o pai em casa. No entanto, há características que os individualizam. Os agressores, em especial, têm comportamentos de poder na família e falta de coesão com a mesma.

Já as vítimas encontram dificuldade na relação com os pais. Geralmente aquelas experimentam afetividade fraca, excesso de ameaça e/ou concomitantemente condutas de superproteção, refletindo falta de consistência nas práticas de disciplina/monitorização (PEREIRA, 2002).

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo é investigar como os autores teorizam a influência do *bullying* no interior das escolas de ensino fundamental e médio e sua possível ascendência na formação da identidade pessoal dos alunos.

Verificou-se, por meio da literatura utilizada, que essas agressões do fenômeno *bullying* trazem consequências para a formação da identidade pessoal do indivíduo, a qual é definida da seguinte forma:

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, interpessoais e culturais. Assim, esse sentimento de ter uma identidade pessoal se dá de duas formas, a primeira é se perceber como sendo o mesmo e o contínuo no tempo, e segunda é perceber que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p.107).

Portanto, a realização do presente estudo foi importante porque, segundo Orte (1996, apud NOGUEIRA, 2005), o *bullying* na escola se insere como mal estar, de forma oculta, desde o desconhecimento da indiferença, ou pela falta de valorização da existência do indivíduo. Isso acaba afetando as relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, é necessário que os educadores tenham pleno conhecimento sobre o *bullying*, a fim de minimizá-lo no contexto escolar. Em diferentes países muitos professores conhecem pouco sobre esse fenômeno. Além disso, a “[...] maioria deles têm dificuldades de lidar com esse problema”. Logo, é preciso que os professores tenham pleno conhecimento do tema, pois eles “[...] são elementos chaves [sic] na formação e educação dos alunos” (MARTINS, 2005b, p.133).

Esta pesquisa sobre *bullying* na escola teve muita relevância para a nossa formação, pois compreender os comportamentos relacionados a esse fenômeno em muito contribuiu para a nossa formação acadêmica, uma vez que, futuramente, quando estivermos atuando como pedagoga, teremos mais clareza na identificação das manifestações do *bullying* no âmbito escolar e, conseqüentemente, mais condições de preparar os professores para lidarem com tal problema, tanto em relação aos alunos que praticam esse ato, como aqueles que são vítimas dessa forma de violência.

Assim, estudar o *bullying* possibilitou-nos um olhar mais específico e rico em detalhes sobre o ensino fundamental e médio. Logo, esperamos que este estudo possa contribuir para uma reflexão acerca dos componentes das instituições escolares, possibilitando a transformação do ambiente escolar em um espaço menos violento. Como bem ressaltam Oliveira e Antonio (2006, p.32),

[...] há uma necessidade de constante auto-afirmação e aceitação que caminham paralelas no cotidiano do adolescente, e em primeira instância, apóia-se na família e posteriormente, em um grupo de amigos, os quais fortalecem seu auto-conceito e formação de identidade.

Nesse sentido, lidar com crianças e adolescentes envolve ter o domínio do conteúdo que será trabalhado, mas, acima de tudo, a compreensão dos relacionamentos interpessoais e dos entraves que dificultam ou facilitam o processo ensino-aprendizagem.

6 Referências

ANTUNES, Débora Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n.1, Porto Alegre, jan./abr. 2008, p33-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004#nt>. Acesso em: 15 mar. de 2009.

BITTENCOURT, Alex Avelino et al. Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 2, São Paulo, abr. 2009, p.236-245. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0034-89102009005000008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 15 mar. 2009.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, C.A.Z. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: Perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Isabel P; SIMÃO, Ana M. Veiga; FERREIRA, Ana S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v.19, n.2, 2006, p.157-183. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v19n2/v19n2a08.pdf>>. Acesso em: 19 de abr. de 2009.

GASPARONI, Naiara Guimarães; SILVA, Jordana de Paula da. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. **Mental**, v. 4, n. 7, Barbacena, nov. 2006, p.162-166. Disponível em: <<http://scielo.bvs-psi.org.br/pdf/mental/v4n7/v4n7a11.pdf>>. Acesso em: 15 de mar. de 2009.

LIMA, Raymundo. “Bullying”: uma violência psicológica não só contra crianças. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 43, dez. 2004. Disponível em: <<http://espacoacademico.com.br/043/43lima.htm>>. Acesso em: 24 de mar. 2009.

MARTINS, Maria José. Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, 2005a, p. 401-425. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 15 de mar. 2009.

MARTINS, Maria José. Condutas agressivas na adolescência: Fatores de risco e de proteção. **Análise Psicológica**, v. 23, n. 2, p.129-135, abr. 2005b. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a05.pdf>> . Acesso em: 15 mar. 2009.

MASCARENHAS, Suely. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 7, n. 1, Rondônia p. 95-107, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a08.pdf>> Acesso em: 22 de mar de 2009.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 37, p. 93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd52/picchia.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

OLIVEIRA, Agnes Schutz de; ANTONIO, Priscila da Silva. Sentimento do adolescente relacionado ao fenômeno bullying: possibilidade de assistência de enfermagem neste contexto. **Revista eletrônica de enfermagem**, v.8, n.1, 2006, p.30-4. Disponível em: <<http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/pdf/ree/v8n1/v8n1a05.pdf>>. Acesso em: 22 de mar de 2009.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

RIBOLLA, Maria Beatriz; FIAMENGHI Jr., Geraldo Antonio. Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. **Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 11, n.1, Jan./jun. 2007, p. 111-121. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a11.pdf>> . Acesso em: 15 mar. 2009.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na Escola**. São Paulo: Andhep, 2006.

SANTOS, Andréia Mendes dos; GROSSI, Patrícia Krieger. Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Textos e Contextos**, v.7, n.2, Porto alegre, p.286-301, jul./dez 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/4827/3633>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria ; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudo de psicologia**. v.8, n.1, Natal, 2003, p. 107-115. Acesso em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>>. Acesso em: 20 de jun.de 2009.

SEIXAS, Sónia Raquel. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Análise Psicológica**, v. 23, n. 2, abr. 2005, p.97-110. Acesso em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a03.pdf>> Acesso em: 15 de mar. de 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentres perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.